

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000



**Orquestra
Filarmônica de Dresden**

Gerd Albrecht *Regente*

Camillo Radicke *Piano*



Mubea

engineering for mobility

Líder mundial em molas de
suspensão e molas de válvula

Av. Eurico Ambroge Santos, 2.400
12045-000 Taubaté SP
Tel. 012 227 5000 Fax 012 227 5024


www.mubea.com mubea@mubea.com.br

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000

Concerto Extra-assinatura

SALA SÃO PAULO
DO COMPLEXO CULTURAL JULIO PRESTES


**ORQUESTRA
FILARMÔNICA DE DRESDEN**


GERD ALBRECHT *Regente*

CAMILLO RADICKE *Piano*

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

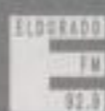


MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
tel 010923/90

promoção



SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

apoio



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO



Orquestra Filarmônica de Dresden

A programação anual de cerca de 80 apresentações da Filarmônica de Dresden na Sala de Concertos do *Dresden Kulturpalast* transformou a Orquestra num dos baluartes da vida cultural de Dresden, que por sua vez tornou-se uma cidade de referência para diversas outras situadas às margens do Rio Elba.

O surgimento da Filarmônica de Dresden remonta à inauguração da primeira sala de concertos dessa cidade, em 29 de novembro de 1870, um acontecimento que marcaria a passagem dos concertos oferecidos apenas para a aristocracia aos concertos destinados ao grande público. A partir de 1885, a então denominada *Gewerbehausorchester* começou a apresentar regularmente concertos filarmônicos na cidade de Dresden, o que lhe fez ganhar o nome de Orquestra Filarmônica de Dresden, em 1915.

No passado, compositores como Brahms, Tchaikovsky, Dvorák e Strauss, dentre outros, regeram eles mesmos suas obras à frente da Filarmônica de Dresden, que acolheu também em seu pódio maestros como Hans von Bülow, Anton Rubinstein, Bruno Walter, Fritz Busch, Arthur Nikisch, Hermann Scherchen, Erich Kleiber e Willem Mengelberg. Dentre os artistas que já responderam pela Direção Musical do conjunto destacam-se os nomes de Paul van Kempen, Carl Schuricht, Heinz Bongartz, Horst Foerster, Kurt Masur, Günther Herbig, Herbert Kegel e Joerg-Peter Weigle, com quem a Orquestra realizou diversas gravações, como também o fez com Michel Plasson, Diretor Musical da Filarmônica de Dresden desde 1994.

Desde 1945 que grandes nomes da regência orquestral e importantes solistas têm colaborado, como artistas convidados, com a Orquestra de Dresden: dentre os maestros, destacam-se Otto Klemperer, Karel Ancerl, Vaclav Neumann, Seiji Ozawa e Klaus Tensstedt; dentre os solistas, Emil Gilels, Wilhelm Kempf, Elly Ney, Gidon Kremer, Ruggiero Ricci, Henryk Szeryng, Pierre Fournier, Mstislav Rostropovitch, Aurèle Nicolet, Maurice André, Bruno Leonardo Gelber, Rudolf Buchbinder, Frank Peter Zimmermann, Heinrich Schiff, Mischa Maisky e Christian Zacharias.

Solicitada para tocar em diversas das mais prestigiosas salas de concerto do mundo, a Orquestra Filarmônica de Dresden vem-se apresentando regularmente em turnês internacionais, que já levaram o conjunto ao Japão, a Israel, a diversos países da América do Sul e aos Estados Unidos.



Gerd Albrecht *Regente*

Alemão natural da cidade de Essen, Gerd Albrecht nasceu em 1935 e é filho do musicólogo Hans Albrecht. Depois de estudar nas cidades de Kiel e Hamburgo, conquistou os Primeiros Prêmios dos Festivais de Besançon, em 1957, e Hilversum, em 1958. O maestro Albrecht iniciou sua carreira profissional como Assistente de Direção da Ópera de Stuttgart, posto que ocupou entre 1958 e 1961. Em seguida foi, sucessivamente, Diretor Musical Principal dos Teatros de Mainz, de 1961 a 1963, Lübeck, de 1963 a 1966, e Kassel, entre 1966 e 1972.

Ex-Diretor Musical da Ópera Alemã de Berlim, posição que ocupou de 1972 a 1974, dirigiu a Orquestra *Tonballe* de Zurique entre 1975 e 1981.

Em 1989 Gerd Albrecht foi nomeado Diretor Musical Principal da Ópera de Hamburgo, e três anos depois designado Regente Principal da Orquestra Filarmônica Tcheca, cargo que abandonou em 1996, sob protestos e contra a vontade dos músicos, devido a desavenças com o governo daquele país.

Dedicando-se à música de concerto e também à cena lírica, Gerd Albrecht esteve à frente das primeiras audições mundiais de óperas de Hans Werner Henze – *Telemanniana* e *Barcarola* –, Wolfgang Fortner – *Elisabeth Tudor* –, Aribert Reimann – *Lear* e *Troades* –, de sua obra orquestral *Ein apokalyptisches Fragment* (Um Fragmento Apocalíptico) e, ainda, tem regido composições de criadores como Klaus Huber, Gyorgy Ligeti, Milko Kelemen, Wolfgang Rihm e Hans-Jürgen von Bose.

O maestro Gerd Albrecht é também o autor do livro *Wie eine Opernaufführung zustande kommt* (Como se produz uma representação de ópera), publicado em Zurique, em 1988.





Camillo Radicke *Piano*

Alemão nascido em Dresden, em 1963, formou-se sob a orientação dos professores Regina Metzner, Amadeus Webersinke e Arkadi Zenziper, com quem estudou em sua cidade natal. Vencedor dos Primeiros Prêmios dos Concursos Internacionais de Piano de Palma de Mallorca (Chopin/1990), Atenas (Maria Callas/1992) e Vercelli (G. B. Viotti/1992), desde 1988 Camillo Radicke vem desenvolvendo sua carreira como solista e camerista em vários países da Europa e do Oriente.

Na Alemanha, já se apresentou em salas como a *Alte Oper* de Frankfurt, a *Neues Gewandhaus* de Leipzig e o *Semperoper/Kulturpalast* de Dresden. O pianista tem sido convidado também para tocar em alguns dos mais prestigiosos eventos internacionais da música erudita, dentre os quais se destacam o Festival de Salzburgo, o Festival de Piano do Ruhr, o Festival Chopin de Dusznikl, os Concertos do Meio-Dia da *BBC* de Londres, o *Great Irish Houses Festival* e os Festivais da Costa Verde e Al Bustan, de Beirute. As atividades artísticas de Camillo Radicke incluem ainda a gravação de CDs e de produções para as rádios da Alemanha, da Inglaterra, da Áustria e da Polônia, além de sua parceria com o cantor de câmara Olaf Bär. Camillo Radicke estreou com a Filarmônica de Dresden em 1993, tocando o Concerto para Piano K. 595, de Mozart, sob a regência de Tamas Vasary. O sucesso dessa estréia valeu-lhe convites para novas aparições como solista de concerto, nas quais vem apresentando obras de Poulenc, Mozart, Stravinsky, Gershwin e Bach, sob a regência de maestros como Michel Plasson, Yuri Temirkanov e Jean-Claude Malgoire.

Orquestra Filarmônica de Dresden

Marek Janowski *Regente Titular e Diretor Artístico (a partir de 2001)*

Juri Temirkanow *Regente Convidado Principal*

Prof. Kurt Masur *Regente Honorário*

Dr. Olivier von Winterstein *Intendente*

Klaus Burmesteir *Dramaturgo-chefe*

Primeiros Violinos

Ralf-Carsten Broemsel
Heike Janicke
Wolfgang Hentrich
Dalia Schmalenberg
Gerhard-Peter Thielemann
Siegfried Koegler
Siegfried Rauschardt
Christoph Lindemann
Jürgen Nollau
Volker Karp
Gerald Bayer
Prof. Roland Eitrich
Heide Schwarzbach
Antje Bräuning
Marcus Gottwald
Ute Kelemen
Johannes Groth
Alexander Teichmann
Annegret Dill
Juliane Heinze

Segundos Violinos

Heiko Seifert
Klaus Fritzsche
Günther Naumann
Egbert Steuer
Erik Kornek
Dietmar Marzin
Reinhard Lohmann
Viola Marzin
Steffen Gaitzsch
Dr. Matthias Bettin
Andreas Hoene
Andrea Dittrich
Constanze Sandmann
Jörn Hettfleisch
Dorit Schwarz

Violas

Christina Biwank
Hanno Felthaus
Torsten Frank
Beate Mueller
Steffen Seifert
Gernot Zeller
Lothar Fiebiger
Wolfgang Haubold
Holger Naumann
Steffen Neumann
Heiko Mürbe
Hans-Burkart Henschke
Andreas Kuhlmann

Violoncelos

Matthias Bräutigam
Ulf Prella
Viktor Meister
Petra Willmann
Thomas Bätz
Frieder Gerstenberg
Wolfgang Bromberger
Friedhelm Rentzsch
Rainer Promnitz
Karl-Bernhard von Stumpff
Clemens Krieger
Daniel Thiele

Contrabaixos

Prof. Peter Krauß
Kilian Forster
Tobias Glöckler
Berndt Fröhlich
Norbert Schuster
Bringfried Seifert
Thilo Ermold
Donatus Bergemann
Matthias Bohrig
Olaf Kindel

Flautas

Karin Hofmann
Birgit Bromberger
Götz Bammes
Claudia Schmidt

Oboés

Guido Titze
Prof. Wolfgang Bemmann
Jens Prasse
Gerd Schneider

Clarinetes

Prof. Hans-Detlef Löchner
Fabian Dir
Henry Philipp
Dittmar Trebeljahr
Klaus Jopp

Fagotes

Michael Lang
Joachim Huschke
Hans-Peter Steger
Hans-Joachim Marx
Mario Hendel

Trompas

Jörg Brückner
Michael Schneider
Volker Kaufmann
Peter Graf
Klaus Koppe
Johannes Max
Dietrich Schlät
Carsten Gießmann

Trompetes

Christian Höcherl
Andreas Jainz
Csaba Kelemen
Wolfgang Gerloff
Roland Rudolph

Trombones

Joachim Franke
Olaf Krumpfer
Reinhard Kaphengst
Dietmar Pester
Frank von Nooy

Tubas

Martin Stephan
Jörg Wachsmuth

Harpa

Nora Koch

Tímpanos e Percussão

Alexander Peter
Prof. Karl Jungnickel
Gerald Becher
Axel Ramlow

Representantes da Orquestra

Matthias Bräutigam
Volker Karp
Klaus Koppe

Inspetor

Matthias Albert

Montadores

Herybert Runge
Bernd Gottlöber
Helmut Friemel

Os músicos da Orquestra
Filarmônica de Dresden
hospedam-se no

IB
Hotel Braston
São Paulo

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Concerto Extra-assinatura



27 de setembro, quarta-feira, 21h

Carl Maria von Weber (1786 - 1826)

**Abertura da Ópera Der Freischütz
(O Franco-atirador)**

Ludwig van Beethoven (1770 - 1827)

**Concerto nº 1 para Piano e Orquestra,
em Dó maior, opus 15**

Allegro con brio

Largo

Rondo (Allegro scherzando)

intervalo

Robert Schumann (1810 - 1856)

Sinfonia nº 4, em Ré menor, opus 120

Introdução - Allegro

Romanza

Scherzo

Final

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000

Próximos Concertos

SALA SÃO PAULO

Orquestra Sinfônica de Chicago
Daniel Barenboim *Regente*

5 de outubro, quinta-feira (Concerto Extra)

Mozart: Concerto nº 25 para Piano e Orquestra, K.503

Mahler: Sinfonia nº 1

6 de outubro, sexta-feira (Assinatura)

Mahler: Sinfonia nº 7

7 de outubro, sábado (Assinatura)

Debussy: Prelúdio à Tarde de um Fauno

Debussy: La Mer

De Falla: El Sombrero de Tres Picos

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

Gächinger Kantorei
Bach-Collegium Stuttgart
Helmuth Rilling *Regente*

23 de outubro, segunda-feira

Bach: Missa em Si menor

24 de outubro, terça-feira

Bach: Missa em Si menor

25 de outubro, quarta-feira

Bach: Missa em Si menor

Carl Maria von Weber (1786 – 1826)

**Abertura da Ópera Der Freischütz
(O Franco-atirador)**

Na campanha destinada a extirpar o gosto do público alemão pela ópera italiana, *Der Freischütz* foi o primeiro golpe decisivo. Para Weber, nascido em 18 de dezembro de 1786, em Eutin, Oldemburgo, a afirmação do nacional será a maior preocupação de toda a sua vida. Como bom romântico, esse despertar do sentimento nacional, acentuado durante a invasão napoleônica, se assimilará àquele retorno à natureza postulado na França, algumas décadas antes, por Rousseau. Daí ter Weber extraído sua inspiração dos bosques, da velha história cavaleiresca, da canção popular, das lendas fantásticas que sempre mantiveram acesa a fantasia do povo camponês.

Weber foi um exaltado incentivador da nova música alemã. Defendeu-a – difundindo-a – por todos os meios a seu alcance, da pregação jornalística ao pódio da regência orquestral. Mas foi na condição de compositor que levou esse incentivo mais longe, sobretudo com *Der Freischütz*, ópera nacional e romântica que iluminou o caminho de Wagner, em quem o Romantismo alemão encontra sua mais consumada realização no terreno musical.

Outras características da época já estão presentes nessa ópera, cujo título faz alusão ao “caçador que usa balas mágicas e infalíveis”. São elas a busca da verdade dramática e o conceito de correspondência das artes. No que se refere ao primeiro ponto, Weber declarou que estaria disposto a perdoar todas as fraquezas dos italianos (atacou Spontini, mas principalmente o indestrutível Rossini), por terem eles mostrado certa preocupação com a verdade dramática, sem a qual não há salvação. Quanto ao segundo aspecto, achava que todas as artes deviam se integrar, ligadas pela música, que, na concepção da época, era o vínculo mais poderoso: o único vínculo – invisível e misterioso – capaz de reunir de novo todas elas naquela remota unidade que o gênio dos gregos soube lhes infundir.

Weber deu especial atenção à abertura de *Der Freischütz*. “Quem souber ouvi-la” – escreveu certa vez – “encontrará a ópera em resumo”. Ou seja, toda a obra, em seu material temático fundamental, estaria resumida nessa página que lhe serve de pórtico. Ela é, sem dúvida, uma página magistral, arrebatadora e deslumbrante em seu poderio instrumental. O inquietante

anúncio das trompas; o tormentoso *tutti* que antecipa a célebre cena da Garganta dos Lobos; a poética canção de *Agalba*, impregnada de um impressionante senso da natureza; a presença de *Max* e do sinistro *Samiel* – tudo está ali, maravilhosamente conduzido, de modo a fazer dessa abertura um dos fragmentos sinfônicos mais belos do primeiro Romantismo musical alemão.

Pola Suárez Urtubey

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Concerto nº 1 para Piano e Orquestra, em Dó maior, opus 15

História

De início, Beethoven procedeu à composição dos concertos para piano com cautela, de forma análoga a seu proceder na esfera da sinfonia, embora quando jovem, em 1784, já tivesse escrito, em Bonn, um Concerto para Piano, em Mi bemol maior, com o qual não se mostrou satisfeito. Ao que parece, ele tinha plena consciência de que só se imporia ante as poderosas criações de Mozart, cujo âmbito predileto fora o concerto para piano, com algo concludente.

Assim, em meados dos anos 90 do século XVIII, Beethoven ocupou-se logo com dois concertos para piano. O Primeiro, em Dó maior, chamado de nº 1, opus 15, surgiu mais tarde do que o outro, em Si bemol maior, opus 19, como informa o mestre em carta de 22 de abril de 1801 à editora Breitkopf & Härtel. A partitura foi esboçada nos anos 1795/96 e completada em 1798. A questão de sua data de estréia é controversa. Supõe-se que Beethoven tenha feito a primeira apresentação da obra já em outubro de 1798, na Sala de Concertos de Praga. O certo é que o mestre a executou em 2 de abril de 1800, em Viena, em concerto por ele mesmo organizado, ocasião na qual estreou também o Septeto opus 20 e sua Primeira Sinfonia, opus 21.

Nos manuscritos do compositor existem quatro cadências, três no primeiro movimento e uma breve cadência no terceiro, que supostamente Beethoven elaborou e anotou só em 1809, para um aluno seu, o arquiduque Rodolfo. O Primeiro Concerto para Piano é dedicado à princesa Barbara Odescalchi, nascida condessa Keglevics, aluna de Beethoven.

Posição Estilística

No álbum de seu protegido Beethoven, antes da segunda viagem do compositor a Viena, em 1792, o conde Ferdinand von Waldstein escreveu: “[...] com

afinco ininterrupto alcançarás o espírito de Mozart pelas mãos de Haydn”. Esse prefácio de seu protetor serviu a Beethoven como fio condutor das composições de seu primeiro período criativo (1792/1800), ainda plenos do espírito otimista da juventude.

Também em seu Primeiro Concerto para Piano o compositor partiu dos dois grandes mestres vienenses. O frescor e a despreocupação do primeiro movimento, e sobretudo a animada nota que encerra o rondó, com seu tema principal de contornos rítmicos delineados e as duas idéias secundárias, talvez brotadas do solo da música popular vienense, indicam a ascendência de Haydn. O *Largo*, ao contrário, com seu nobre *cantabile*, prende-se mais ao espírito de Mozart, e as bem-proporcionadas transições do andamento principal para o andamento médio (compassos 19/29) e de volta para o andamento principal (compassos 43/53), bem como a ampla elaboração da coda, revelam a rica filigrana artística do compositor.

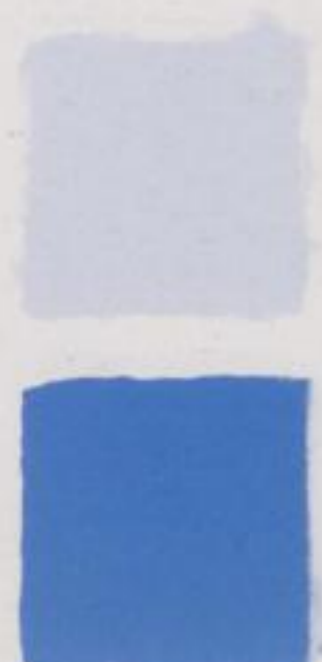
Em outras partes da obra também afloram traços típicos da particularidade beethoveniana: a predileção pela múltipla mudança de tom no interior de um movimento, os acentos nos compassos fracos, o espaço de movimentação composicional pleno de fantasia e variedade, sobre o qual se desdobram os temas, o aspecto retardante, que age como fator de tensão pouco antes do fecho da obra, e, ainda, a sutil diferenciação da dinâmica, que remonta à escola de Mannheim.


Robert Schumann (1810 – 1856)

Sinfonia nº 4, em Ré menor, opus 120

Quatro sinfonias figuram na produção de Robert Schumann, que se iniciou nesse domínio a partir de 1841. É bem sabido que a obra do compositor se delineia acompanhando períodos da sua vida e acontecimentos íntimos ligados a ela. Assim, a parte fundamental da sua música para piano surge entre os anos de 1830 e 1839. Em 1840, ano do seu ansiado casamento com Clara Wieck, ele se dedica à composição de *lieder*. “Eu gostaria de cantar como o rouxinol, até morrer”, disse. E escreveu mais de uma centena de canções, algumas das quais estão entre as mais bonitas produzidas por todo o século Romântico.

A partir de 1841, como já assinalamos, começa sua produção sinfônica, embora surjam paralelamente várias das suas obras-primas de música instrumental de câmara, novos *lieder*, seus oratórios, a ópera





Genoveva e outras páginas. Aquele ano vê nascer, em poucas semanas, a Sinfonia nº 1, em Si bemol maior, *opus* 38, chamada *Primavera*. Sua estréia esteve a cargo de Felix Mendelssohn à frente da Orquestra da *Gewandhaus* de Leipzig. Schumann se entregou, quase de imediato, à composição de uma Segunda Sinfonia, em Ré menor, cuja partitura ofereceu a Clara no dia 13 de setembro, como presente de aniversário.

Por ocasião da sua estréia, no dia 6 de dezembro, também na *Gewandhaus*, foi apresentada como Fantasia Sinfônica, na qual os quatro movimentos deviam suceder-se sem interrupção. Como não alcançou o sucesso da sua Primeira Sinfonia, Schumann deixou-a descansar durante dez anos, de modo que foi somente em 1851 que a submeteu a modificações, para estreá-la em 1853, em Düsseldorf, como Quarta Sinfonia, em vez de Segunda. O próprio autor a regeu no dia 3 de março, num dos últimos concertos que pôde dar. Pouco depois, sua vida ativa se anulou devido ao agravamento de uma doença mental que o deixou imerso na alienação por três anos, até 1856, quando morreu.

Novos princípios de integração formal transformam essa obra numa peça inovadora. Com ela nasce, de maneira indubitável, o conceito de sinfonia cíclica, na medida em que os quatro movimentos tendem a se fundir numa unidade. Os temas reaparecem muitas vezes análogos em diversos tempos, ou melhor, derivam estreitamente um do outro, com o fim de alcançar uma verdadeira lógica expressiva. Como quer que seja, esse propósito não significa um distanciamento da relação formal sentida como válida nessa etapa da música ocidental.

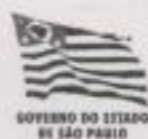
No entanto, o título original de Fantasia Sinfônica, que o autor tinha dado à sua obra em 1841, manifesta sua intenção de se distanciar de algum modo das estruturas tradicionais do gênero. Na realidade, um tema principal em forma de arabesco, o qual, segundo a historiografia, obcecava desde havia muito o espírito do músico, é exposto no começo da partitura e culmina no final. Outras figuras temáticas reaparecem igualmente de um extremo a outro da composição, antecipando os princípios cíclicos de César Franck e seus discípulos.

A obra se inicia com uma longa Introdução, cujo material temático é igualmente importante, na medida em que reaparecerá no segundo movimento e determinará inteiramente a estrutura do *Scherzo*. Após essa Introdução, inicia-se o *Allegro* propriamente dito, em movimento vivaz. Aqui se enfrentam o já citado pri-

meiro tema, manifestamente rítmico, através de uma figuração que se irradia em múltiplas variantes e imitações, e um segundo tema, apaixonado e de grande lirismo. O segundo movimento, *Romanza*, em Lá menor, é um dos mais nobres cantos que o músico criou no âmbito instrumental. De temática simples, reflete seu caráter intimista sendo confiado basicamente ao violoncelo solo e ao oboé. Na parte central, tem lugar um solo de violino que constitui uma transformação temática do motivo da introdução lenta. Portanto, a estrutura desse noturno é a de um *lied* em três partes. Já se encontra antecipado aqui, de certo modo, o clima do terceiro movimento, um *Scherzo con trio*, vinculado tematicamente à *Romanza*. Após o reaparecimento do *Scherzo*, Schumann faz ouvir novamente o trio, de que surgirá uma breve introdução lenta que prepara a chegada do movimento final. Essa introdução, assim como o *vivace* em que desemboca, se nutrem com material do primeiro movimento. O Final é em forma sonata livremente tratada, com um desenvolvimento amplo e sem recapitulação. A obra se encerra com a última idéia: uma espécie de *stretto*, em andamento *presto*, sobre um *fugato* de espírito heróico.

Schumann consegue criar assim uma obra povoada de antecipações geniais. Quem souber apreciar a enorme cota de originalidade que — só para citar um exemplo — a passagem do terceiro ao quarto movimento encerra, terá a sensação de se encontrar diante de uma obra profética, surgida em momentos transcendentais dentro da música centro-européia. No lapso de dez anos que vai da primeira versão da Sinfonia à sua forma definitiva (1841/1851), Wagner começa a configurar sua concepção do drama musical, enquanto Liszt, seguindo os passos de Berlioz, mergulha na elaboração do sinfonismo poemático.

Pola Suárez Urtubey



Mario Covas
Governador do Estado de São Paulo

Marcos Mendonça
Secretário de Estado da Cultura



FICHA TÉCNICA

Diretor Artístico
John Neschling

Diretor Artístico Adjunto
Roberto Minczuk

Diretora
Regina Vieira Pinto

Administração
Glória Marangoni
Joel Freitas
João Mário Gomes Pego
Luiz Fernando Fagionato
Maria Teresa Ferreira
Paulo Sérgio Assis
Marcia Julio Delgado

Projetos
Maria Regina A. Davidoff

Monitoria
Andrea Vial
Janaina Botelho Guerreiro

Produção
Vera Romero

Coordenação Técnica
Paulo Gomess

Palco
Marco de José

Placas Acústicas
Cássio Antas
Reinaldo Marques de Oliveira

Sonoplastia
Marcello Anjinho
Rafael Plaza

Iluminação
Carlos da Silva
Paulo Pirondi
Pedro De Souza
Sérgio Cattini

Maquinaria
Carlos Bessa
José Ferreira
Júlio César
Marcio Marciano

Montagem
Alessandro Gonçalves
Paulo Broda

Manutenção
Edison Vasquez
Athaide Fontes
Arnaldo Epifânio Da Silva
Délcio Mota
Hernando Pereira
Marcelo Ferreira
Miguel Pereira Sobrinho

Camareiras
Ivone Das Pontes
Maria Severina Maciel
Maria do Socorro Santos

Seguranças
Julio Cesar Rosa
Ivan dos Santos
Paulo Perez Chicano
Sandro M. S. Miranda

Indicadores
Adailson de Andrade
Ana Cláudia Marques da Silva
Andréa Lúcia de Santana Rufino
Cristina Rosa de Oliveira
Dener Oliveira Francisco
Eliane R. Toldo de Oliveira
Eunice de Falco Assis
Heider Crisci
Jair Gabriel de Oliveira
Leonardo Rodrigues de Brito
Luciane Gomes de Souza
Marcio Roberto Zambrini
Maria Jocelma André Ribeiro
Marildo Lopes de Souza Junior
Mayra Claro Nico
Renata de Barros Martins
Rodrigo Antonio Espanhol
Rodrigo Giovannetti
Sezinando Gabriel de Oliveira Neto
Vanessa da Silva Antonio

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretoria

José E. Mindlin	Presidente
Fernando Carramaschi	Vice-Presidente
Antonio Hermann D. M. de Azevedo	Diretor Tesoureiro
José Luís de Freitas Valle	Diretor Secretário
J. Jota de Moraes	Diretor Artístico
Carlos Rauscher	Diretor
Gérard Loeb	Diretor
Jayne Sverner	Diretor
João Lara Mesquita	Diretor
José Francisco Freire Britto	Diretor
Gérald Perret	Superintendente

Conselho de Administração

José E. Mindlin	Presidente
João Lara Mesquita	Vice-Presidente

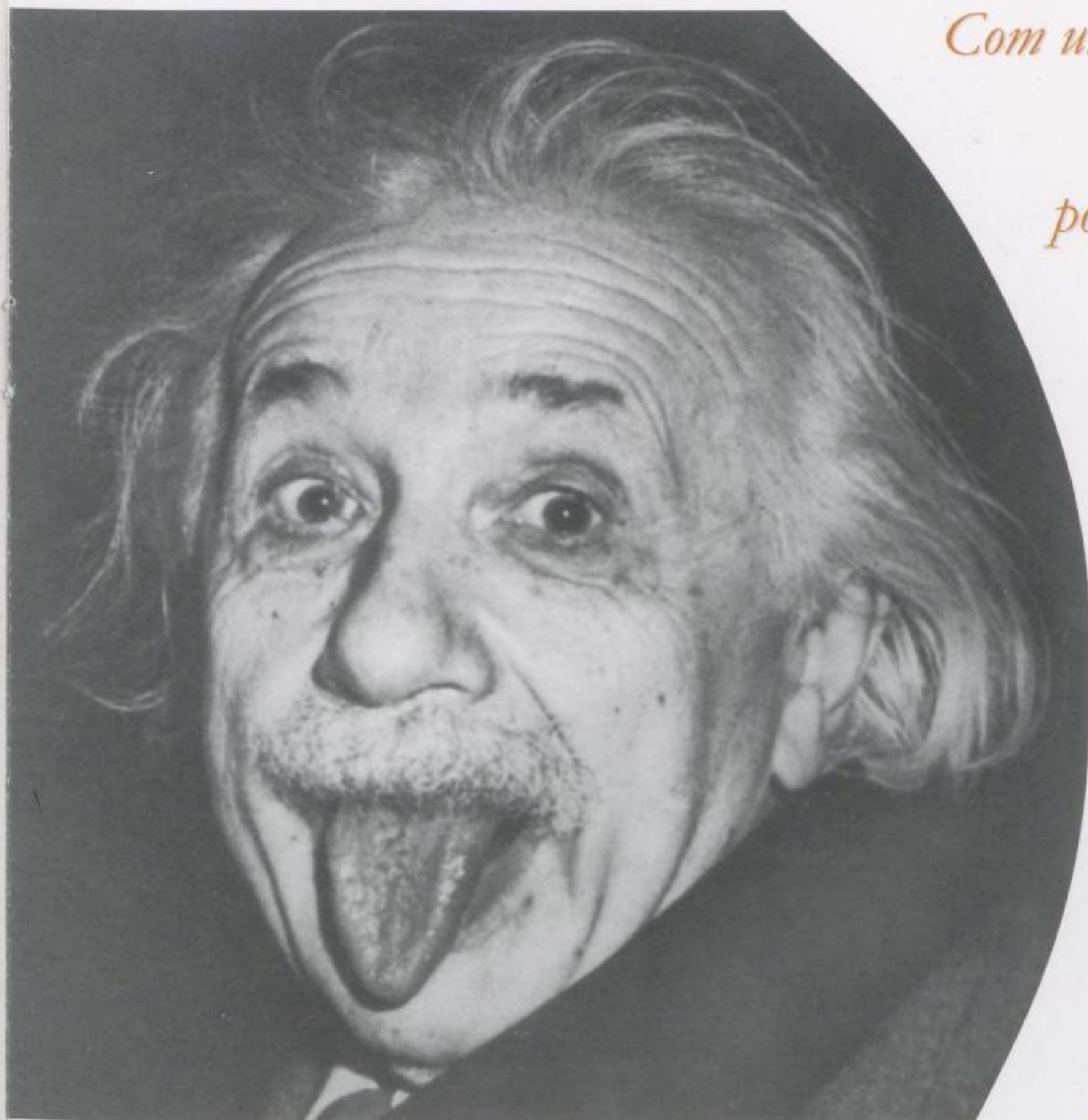
Membros

Maria de Lourdes Egydio Villela
Sylvia Kowarick
Alberto Soares de Almeida
César Tácito Lopes Costa
Cláudio Sonder
Eduardo Luiz Paulo R. de Almeida
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita
Hermann H. Wever
José Ermírio de Moraes Filho
Max Feffer
Thomas Michael Lanz

Reconhecida de Utilidade Pública por Decretos Federal, Estadual e Municipal.

Créditos Editoriais

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida
Fotos Frank Höhler (Orquestra e Camillo Radicke)
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Traduções Eduardo Brandão
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica



Com um

pouquinho

mais, os seus

funcionários

também

vão de

Einstein.



HOSPITAL ISRAELITA
ALBERT EINSTEIN

Ter o Einstein entre as opções hospitalares de seus funcionários é necessidade. É um investimento na saúde de seu pessoal.

Com um pouquinho mais do que você já paga, sua empresa fica mais tranquila e sua equipe mais segura. Consulte seu seguro saúde e descubra que a distância que separa o Einstein de você é muito menor do que você pensa.

Verifique junto ao seu plano de saúde opções individuais.

Av. Albert Einstein, 627/701 - Morumbi - São Paulo - SP - CEP 5651-901 - Tel.: (0**11)3747-1233 - www.einstein.br

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000

abril 4, 5 e 6

Orquestra da Rádio de Moscou
Coro de Câmara de Moscou
Saulius Sondeckis *Regente*

maio 22, 23 e 24

The English Concert
Trevor Pinnock *Regente*

junho 12, 13 e 15

Stanislav Bunin *Piano*

julho 6, 7 e 10

Quarteto Alban Berg *Cordas*

agosto 14, 15 e 16

Europa Galante
Fabio Biondi *Regente e Violino Solista*

agosto 22, 24 e 28

Matthias Goerne *Barítono*
Eric Schneider *Piano*

setembro 19 e 20

Orquestra Sinfônica de Praga
Jirí Belohlávek *Regente*
Dezső Ranki *Piano*

outubro 6 e 7

Orquestra Sinfônica de Chicago
Daniel Barenboim *Regente*

outubro 23, 24 e 25

Gächinger Kantorei
Bach-Collegium Stuttgart
Helmuth Rilling *Regente*

novembro 13, 14 e 15

Orquestra Filarmônica Estatal da Renânia
Theodor Guschlbauer *Regente*
Antônio Meneses *Violoncelo*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 telefone (5511) 258 3616
www.culturaartistica.com.br
e mail: cultart@dialdata.com.br

apoio
institucional

Prefeitura
do Município
de São Paulo
Lei 010923/90

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA